

PERSISTÊNCIA DO RITUAL DE INCINERAÇÃO NO SÉC. IV. ALGUNS EXEMPLOS NO VALE DO DOURO

Lino Augusto Tavares Dias

INTRODUÇÃO

A escavação da cidade romana de *Tongobriga* (Área Arqueológica de Freixo-Marco de Canaveses), que desenvolvemos desde 1980, e a crescente necessidade de a entender articulada com o espaço envolvente, justificam o estudo que temos vindo a fazer, ao longo dos últimos anos, de uma região do Norte de Portugal definida genericamente pela Serra do Marão e pelos rios Tâmega e Douro. Sobre este espaço temos aprofundado as reflexões entre os séc. I e V d.C.

Por este motivo temos em curso várias linhas de trabalho articuladas e complementares entre si.

De entre as muitas questões que se levantam neste vasto espaço geográfico e no período cronológico em causa, escolhemos uma reflexão, muito simples, que julgamos enquadrar-se no âmbito temático deste encontro.

Uma das nossas preocupações tem sido tentar reconhecer e identificar alguns comportamentos humanos a partir dos vestígios arqueológicos existentes na região.

Nesta sintética reflexão concentramos a análise no séc. IV e pormenorizamos-la nos ritos de enterramento –a incineração e a inumação– na medida em que os associamos, não só à moda, mas, principalmente, a questões de mentalidade e de tradição.

REGIÃO EM ESTUDO

Da ampla região em estudo (entre Marão, Tâmega e Douro), e apesar de a considerarmos permanentemente para referência, vamos limitar a observação a duas zonas bem identificadas junto do rio Douro.

Escolhemos estes espaços como micro-regiões que nos servem de «modelo-tipo». Espaços com paisagem homogénea, próximos do rio Douro e das confluências deste com os rios Paiva, Sardoura, Ovil, Bestança e ribeira da Roupeira, possuem terras férteis com boa exposição solar, bem irrigadas pela água que brota das encostas.

Estas regiões-tipo eram sulcadas por estradas romanas, aqui normalmente construídas a meia encosta, sobranceiras aos vales dos rios e ribeiras. Situadas junto ao rio Douro navegável, eram regiões com condições de acostagem para barcos.

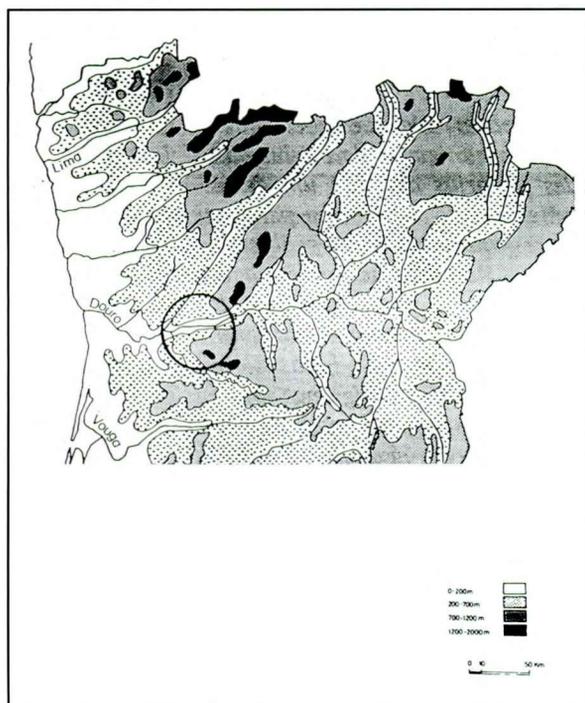
Dir-se-ia estarmos perante uma área geográfica em que rio e estradas se complementavam, formando uma rede de vias de comunicação. Administrativamente, situava-se na *Callaecia*, praticamente na «fronteira» desta com a *Lusitania*. Embora situada na margem direita do Douro, esta área tem, no entanto, fortes vínculos com as terras da margem esquerda, já que está no prolongamento das montanhas do Norte da Beira.

OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Para esta análise e nas regiões-tipo escolhidas, referenciamos (código geográfico nacional e coordenadas UTM) os seguintes sítios arqueológicos:

1. Valbeirô (0106070:29TNF581442) – necrópole de incineração, I^a met. séc. IV.¹

1. Excavação realizada por Lino Tavares Dias em 1982/83. Dias, Lino Tavares, no prelo, *Necrópoles no território de Tongobriga. Conimbriga*, Coimbra.



Zona do vale do rio Douro em estudo neste trabalho.

2. Torre (0106089;29TNF603451) – habitat e necrópole de incineração, séc. IV (post 326).²

3. Várzea do Douro (13.07.28; 29TNF616470) – vicus, estrada, cais fluvial. 8 inscrições religiosas.³

4. Fraga (1307029;29TNF658509) – estrada, necrópole de incineração, sec. IV.⁴

5. Casas Novas (1307010;29TNF639495) – estrada, necrópole de inumação, post 1ª met. séc. IV.⁵

6. Eirozes (1307029;29TNF658509) – necrópole de incineração, séc. IV.⁶

7. Bairral (1302124;29TNF783521) – estrada, inscrição a Júpiter, necrópole de inumação, séc. IV.⁷

2. Segundo Ruy de Serpa Pinto (GONÇALVES, 1989: 472-479), em Setembro de 1927, no lugar de Campo da Torre, Freguesia de Sardoura, foram recolhidas peças que pertenciam a uma necrópole. as moedas então recolhidas levaram o autor a datar a necrópole do séc. IV d.C.

3. ALARÇÃO, 1988 92; BRANDÃO, 1960 (2); LANHAS e BRANDÃO, 1967; MANTAS, 1990, 231; SILVA, 1992, 165-172; TRANOY, 1984, 271.

4. O Comércio do Minho, 19 Abril 1902; VASCONCELOS, 1913, 372; ALARÇÃO, 1988.

5. CRUZ, 1948; LANHAS e BRANDÃO, 1967, 52; ALARÇÃO, 1988, 313.

6. O Comércio do Minho, 19 Abril 1902.

7. VASCONCELOS, 1905, 379; SEVERO, 1907, 8; BRANDÃO, 1960 (3), 78; SOUSA, 1967, 181-96; VIVES, 1972, 120; TRANOY, 1981, 316; BARROCA, 1984, 116-36; ALARÇÃO, 1988, 29; GARCIA, 1991, 397.

8. Mosteirô (1302124;29TNF785498) – estrada, habitat, inscrição a Júpiter.⁸

Fizemos o estudo comparativo das cerâmicas comuns recolhidas nas diferentes necrópoles, quer as por nós recolhidas em escavação, quer as que estão em depósito nos museus. Tomámos como referência as estratigrafias de *Tongobriga* e de *Valbeirô*.

Este estudo integra-se numa linha de trabalho mais vasto que reúne os tipos de cerâmica comum mais abundantes na região. Julgamos poder apresentar um panorama geral deste estudo no Congresso Peninsular a realizar no Porto em 1993.

Estamos perante um conjunto de cerâmicas muito homogêneo, quer nos fabricos, quer nas pastas e nas formas.

Algumas das peças apresentam-se tão semelhantes que ousáramos dizer que foram feitas pelas mesmas mãos.

Para além da semelhança no tipo das cerâmicas enterradas com as cinzas ou com o corpo, também a técnica de construção das sepulturas era idêntica, com paredes e cobertura em lajes, embora com algumas diferenças de dimensão (*Valbeirô* - 88 x 61 x 40 cm; *Fraga* 60 x 45 x 35 cm), nomeadamente, o maior comprimento das de inumação (*Bairral* - 230 x 70 x 65 cm).

Observamos também que, normalmente, enterravam 5 ou 6 peças por sepultura, quer esta fosse de incineração ou de inumação.

Será interessante sublinhar que a *perfuração* do bojo das peças cerâmicas que eram enterradas, vulgar no ritual de incineração, se mantém no ritual de inumação.



Necrópole de Valbeirô. Sepultura n.º 3 depois de escavada.

8. SARMENTO, 1887, 187 e 1888, 113 e 1933, 310-12; VASCONCELOS, 1908, 669-72; VASCONCELOS, 1889, 178; 1895, 35; VASCONCELOS, 1913, 477; VIEIRA, 1887, 452; VIVES, 1972, 143; TRANOY, 1981, 317; GARCIA, 1991, 397.

A necrópole de Bairral é datável do séc. IV pelas sigilatas claras e pelos vidros; a necrópole de Valbeirô é datada do séc. IV por moedas. A comparação com as outras necrópoles aponta para conclusões similares.

Estamos assim perante enterramentos contemporâneos, embora com ritos diferentes.

Apesar da incineração ter caído gradualmente em desuso a partir do séc. II, de que são bons exemplos muitas necrópoles em Itália, são diversos os casos demonstrativos da coexistência desse rito com o de inumação em todo o mundo romano, já durante o séc. III.

As razões do sucesso da inumação são mal conhecidas; no entanto, atribuem-se normalmente a influências religiosas. Na região em estudo, terá o cristianismo influenciado tal alteração ritual?

Apesar de serem zonas predominantemente agrícolas, tradicionalmente mais conservadoras de costumes, reconhecemos que as modas, religião e tipo de vida romano foram inteiramente absorvidos e, por tal, predominava ainda a incineração como o rito mais vulgar entre romano, em pleno séc. IV, embora já coexistissem os dois ritos de enterramento.

É interessante verificar que esta coexistência ocorre em locais com testemunhos do culto a Júpiter.

Tudo isto se passa em terras muito próximas, a que acresce a facilidade de circulação de gentes, proporcionada pelas estradas e pelo rio Douro.

Estaremos perante exemplos de coexistência pacífica de pagãos e cristãos, traduzida na prática de diferentes ritos funerários? Poderá isto testemunhar liberdade de culto nas comunidades destas terras no séc. IV?

BIBLIOGRAFIA

- ALARÇÃO JORGE, 1988. *O Domino Romano em Portugal*, Lisboa.
- BARROCA, M. JORGE, 1984. Notas sobre a ocupação Medieval em Baião, *Arqueologia*, 10, Porto, 116-36.
- BRANDÃO, D.P., 1960. Novas Estelas Funerárias de Várzea do Douro, *Revista de Guimarães*, LXX (1-2), Guimarães, 185-96.
- CENTENO, RUI, 1987. *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Porto.
- CRUZ, A., 1948. Notícia da Necrópole de São Tiago de Arados descoberta no séc. XVIII, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11, Porto, 329-49.
- DIAS, L., 1984. Estação romana do Freixo-Marco de Canaveses. *Arqueologia*, 9, Porto, 86-90.
- GARCÍA, JOSÉ MANUEL, 1991. *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa.
- GONÇALVES, A.H.B., 1989. Novos inéditos de Ruy de Serpa Pinto, *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*, 26, 2, Póvoa do Varzim, 472-9.
- LANHAS, F. BRANDÃO, D.P., 1967. Inventário de Locais com interesse arqueológico, *Revista de Etnografia*, 8 (1) Porto, 12-13.
- MANTAS, VASCO G., 1990. Teledeteção e Urbanismo romano: o caso de Beja, Geociências, *Revista da Universidade de Aveiro*, 5, 1, Aveiro, 75-88.
- SARMENTO, M., 1887. Inscrições Inéditas. *Revista de Guimarães*, 4, Guimarães.
- SARMENTO, M., 1933. *Dispersos*, Coimbra, 310-12.
- SOUSA, J.J.R., 1967. Novas observações sobre a Necrópole do Bairral, *Revista de Etnografia*, IX, 1, Porto, 181-196.
- TRANOY, ALAIN, 1981. *La Galice Romaine*, Paris.
- TRANOY, ALAIN, 1984. Ateliers Lapidaire et niveaux de culture dans le nord du Portugal. *Gallaecia*, 7-8, Santiago de Compostela. 269-274.
- VASCONCELOS, J., 1908. Materiais para o inventário arqueológico do Concelho de Baião, *Portugália*, 2, Porto, 669-73.
- VASCONCELOS, J.L., 1989. Analecta Archeológica - 3, Santa Marinha do Zêzere, *Revista Arqueológica*, Lisboa, 177-9.
- VASCONCELOS, J.L., 1897-1905-1913. *Religiões da Lusitânia*, I-II-III, Lisboa (reimp. 1981).
- VIEIRA, J.A., 1887. *O Minho Pitoresco*, II, Lisboa, 500.

COL·LOQUI

M. REAL:

Pretendo saber se nas sepulturas de inumação apareceram conservados os esqueletos. A razão desta pergunta tem a ver com a reserva sobre a cronologia apresentada para as sepulturas de Viseu, já que os esqueletos aparecem intactos. A experiência mostra que em necrópoles deste tipo, em zonas graníticas do Norte, a conservação dos esqueletos, com a perfeição das daquelas sepulturas, só aparecem em inumações da baixa-Idade Média. As sepulturas do séc. X-XI já praticamente não possuem esqueletos intactos, pelo que é de estranhar quando os enterramentos são paleocristãos.

JOÃO L. INÊS VAZ:

Atribuímos uma época tão recuada à necrópole de Viseu porque temos em consideração a sua integração na história da cidade e a relacionamos com a destruição da Basílica.

A basílica deve ter sido destruída pelos árabes logo nos inícios da ocupação árabe, por 713. Com efeito, segundo nos contam os historiadores árabes, Muça fixou-se em Viseu e teria arrasado todas as igrejas dos sítios por onde passava. Os vestígios da destruição da basílica foram lançados sobre a necrópole formando uma grossa camada que encontramos na escavação. Misturados nesta camada de restos de telhas e ímbrices apareceram três fragmentos de cerâmica árabe. Por outro lado, a parede supostamente árabe integrada no «Passeio dos bórregos», assentou directamente sobre a basílica, sem sequer ter sido escavado um alicerce e vendo-se o muro exterior da basílica a passar por baixo dessa parede. Assim, estes factos apontam para que atribuamos à necrópole uma cronologia anterior à ocupação árabe. Esperamos, no entanto, que esta cronologia volte a ser confirmada pelos análises de C14 que irão ser realizados.